

MARCADORES SOCIAIS DE DIFERENÇA DE ESTUDANTES DA LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA

SOCIAL MARKERS OF DIFFERENCE IN INTERDISCIPLINARY DEGREE STUDENTS IN NATURAL SCIENCES AND MATHEMATICS

MARCADORES SOCIALES DE DIFERENCIA EN ESTUDIANTES DE GRADOS INTERDISCIPLINARIOS EN CIENCIAS NATURALES Y MATEMÁTICAS

Francione Charapa Alves¹

Universidade Federal do Cariri – UFCA

Lorran Cícero Melo dos Santos²

Universidade Federal do Cariri – UFCA

Resumo

A interseccionalidade é um termo emergente nos movimentos sociais, especificamente nas lutas das mulheres negras, e se expandiu nas ciências sociais e na Educação. Na tentativa de compreender a influência dessas intersecções e dos marcadores sociais nas vidas dos(as) estudantes do ensino superior, o presente texto objetiva investigar os marcadores sociais presentes em estudantes da Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática da Universidade Federal do Cariri. Assim, realizamos uma investigação qualitativa, na qual fizemos uso da pesquisa (auto)biográfica como método e, para coleta de dados, utilizamos a Linha da Vida. Ao final desse estudo, pudemos perceber a demanda em levantar discussões a respeito de temáticas sociais em licenciaturas e que estudos sobre os marcadores sociais da diferença e sobre a identidade fazem-se necessários para a ressignificação do espaço acadêmico, para compreender quem está tendo acesso a esse âmbito educacional, para que não criemos distanciamentos das realidades existentes.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Marcadores Sociais de Diferença; Pesquisa (auto)biográfica.

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri- UFCA. Pós-doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará- UFC/CAPES-DS, linha Educação, Currículo e Ensino (2012-2016) com Doutorado Sanduíche na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa-UL, Portugal (2015-2016). Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará- UECE, linha de pesquisa Didática e Formação Docente/CAPES (2009-2011). Especialista no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA (1998). Graduada em Pedagogia pela Estácio de Sá-UNESA (2017). Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Ciências e Letras de Cajazeiras- FAFIC (2007); bacharelado em Ciências Econômicas pela Universidade Regional do Cariri -URCA (1997) e licenciada no Ensino de Matemática para o Ensino Fundamental e Médio pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. E-mail: francione.alves@ufca.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3924678282455249>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8405-8773>.

² Graduando do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática da Universidade Federal do Cariri- UFCA. Atuante como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) com o projeto intitulado "Interseccionalidade e acesso ao ensino Superior: marcadores de diferença de estudantes do Instituto de Formação de Educadores da Universidade Federal do Cariri". Membro do Centro Acadêmico da Licenciatura Interdisciplinar (CALI). E-mail: lorran.santos@aluno.ufca.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2435417715974551>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7122-0727>.

Abstract

Intersectionality is an emerging term in social movements, specifically in the struggles of black women, and has expanded into the social sciences and education. In an attempt to understand the influence of these intersections and social markers in the lives of higher education students, this text aims to investigate the social markers present in students of the Interdisciplinary Degree in Natural Sciences and Mathematics at the Federal University of Cariri. Thus, we carried out a qualitative investigation, in which we used (auto)biographical research as the method and for data collection we used the Life Line. At the end of this study, we could see the demand to raise discussions about social issues in undergraduate degrees and that studies on the social markers of difference and on identity, it is necessary for the resignification of the academic space, to understand who is having access to this educational scope, so that we do not create distances from existing realities.

Keywords: Intersectionality; Social Markers of Difference; (Auto)biographical research.

Resumen

La interseccionalidad es un término emergente en los movimientos sociales, específicamente en las luchas de las mujeres negras, y se ha expandido a las ciencias sociales y la educación. En un intento de comprender la influencia de estas intersecciones y marcadores sociales en la vida de los estudiantes de educación superior, este texto tiene como objetivo investigar los marcadores sociales presentes en los estudiantes de la Licenciatura Interdisciplinaria en Ciencias Naturales y Matemáticas de la Universidad Federal de Cariri. Así, realizamos una investigación cualitativa, en la cual utilizamos como método la investigación (auto)biográfica y para la recolección de datos utilizamos la Línea de la Vida. Al final de este estudio, pudimos ver la demanda de plantear discusiones sobre cuestiones sociales en las carreras de grado y que los estudios sobre los marcadores sociales de la diferencia y sobre la identidad, es necesario para la resignificación del espacio académico, para comprender quién está teniendo acceso a este ámbito educativo, para que no generemos distancias con las realidades existentes.

Palabras claves: Interseccionalidad; Marcadores Sociales de Diferencia; Investigación (auto)biográfica.

INTRODUÇÃO

A interseccionalidade é um termo emergente nos movimentos sociais, especificamente nas lutas das mulheres negras, e se expandiu nas ciências sociais, ganhando notoriedade nos estudos que discorrem a respeito da diversidade, identidade e diferença. O conceito demarca a preocupação com as interações das estruturas opressoras de poder e os marcadores sociais de diferença, mostrando-se capaz de reverberar sobre os vários sistemas dominantes existentes em nossa sociedade.

O ser humano, em sua complexidade e sociabilidade, carrega consigo marcadores sociais de diferença, que compõem a sua identidade. Estes são evidenciados através de duas variantes: a diversidade e a desigualdade social. A primeira vislumbra as diferenças conforme condições naturais humanas como, por exemplo, sexo, cor de pele, altura, idade etc. A segunda, por sua vez, é produto das relações entre pessoas, sejam elas econômicas ou culturais, que atribuem conflitos de interesse e criam supremacias de alguns cidadãos sobre outros. Nesse sentido, tentando compreender a influência dessas intersecções e dos marcadores sociais nas vidas dos(as) estudantes do ensino superior, dando ênfase ao grau



acadêmico da licenciatura, utilizamos como *locus* a Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática da Universidade Federal do Cariri (UFCA), visando entender de que forma os marcadores constituem e designam esses sujeitos ao ensino superior e demarcam as suas trajetórias de vida.

Deste modo, o presente trabalho surge como produto do projeto de pesquisa³ intitulado: *Interseccionalidade e acesso ao ensino Superior: marcadores de diferença de estudantes do Instituto de Formação de Educadores da Universidade Federal do Cariri*. Nesse projeto investigamos os marcadores sociais de diferença presente nos discentes do Instituto de Formação de Educadores (IFE) da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Partimos do pressuposto de que é necessário discutir sobre essas questões nos diversos espaços, sobretudo nos institucionalizados, pois só assim daremos visibilidade a tais problemáticas sociais. Escolhemos como sujeitos os licenciandos, por estarmos inseridos nesse âmbito e por concebermos à docência como prática social, visando, ainda, com essa pesquisa, poder contribuir para espaços educacionais mais equitativos e inclusivos. Diante do exposto, traçamos o grande objetivo da nossa pesquisa, que ficou assim descrito: Investigar os marcadores sociais presentes nos estudantes da Licenciatura Interdisciplinar em Ciências da Natureza e Matemática do Instituto de Formação de Educadores da UFCA.

Para alcançar tal objetivo, realizamos uma pesquisa qualitativa e (auto)biográfica, com dois⁴ estudantes do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática, do Instituto de Formação de Educadores (IFE) da Universidade Federal do Cariri (UFCA), que foram selecionados(as) através de disponibilidade e interesse na participação.

METODOLOGIA

Esta pesquisa exploratória utilizou-se de uma abordagem qualitativa, uma vez que nos preocupamos em saber sobre as vivências e expectativas dos sujeitos participantes da pesquisa, conforme Deslandes, Gomes e Minayo (2007), que nos dizem que na abordagem qualitativa “a pesquisa nessa área lida com seres humanos que, por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade

³ Projeto coordenado e iniciado no ano de 2020, quando fui bolsista pela UFCA, com a participação de mais um bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap). No ano de 2021, o projeto foi renovado e houve outro processo seletivo, de modo que continuo no projeto com a bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), juntamente com uma bolsista financiada pela UFCA e um voluntário.

⁴ Inicialmente, contávamos com dois homens e duas mulheres, mas por questões de trabalho, dois deles não conseguiram participar de todo o processo.



com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos” (p.13).

A pesquisa (auto)biográfica se fez presente como o método investigativo em que, essa metodologia correspondeu às necessidades do trabalho, em que tratou de relatos, vivências e experiências de pessoas, dando ênfase na subjetividade e história de vida e pertencimentos que cada ser humano consigo carrega. Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011), esse método consiste em “[...] estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização” (p. 371).

Ainda reiteram o aumento desse tipo de pesquisa na área da educação, ressaltando que “A centração no indivíduo como agente e paciente, agindo e sofrendo no seio de grupos sociais, conduz cada vez mais a se investigar em Educação a estreita relação entre aprendizagem e reflexividade autobiográfica” (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 372).

Sendo assim, esta pesquisa coletou dados de discentes do Instituto de Formação de Educadores, *campus* Brejo Santo. Os sujeitos foram dois graduandos(as) da Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática, que demonstraram o interesse em participar dessa investigação. Para a coleta efetiva da nossa pesquisa, realizamos encontros formativos na modalidade (virtual), fazendo uso do *Google Meet*. Esses momentos consistiram nas Rodas de Registro, que corresponde a uma metodologia que se insere no campo da pesquisa (auto)biográfica com foco nas histórias de vida e formação dos sujeitos, utilizando-se dos Excertos de Histórias de Vida.

A Linha da Vida consiste na construção de um marco temporal de acordo com a cronologia vivida, ou seja, a formação de uma linha em que serão expostos os fatos julgados mais relevantes e simbólicos que contam a auto-história de uma pessoa, levando em consideração as datas, sendo organizadas de forma cronológica, obtendo, assim, a confecção da Linha da vida. Segundo Warschauer (2017), ocorre da seguinte maneira: “[...] cada pessoa fará a sua elaboração, localizando espacialmente os acontecimentos da vida, de acordo com sua cronologia e área de vida corresponde” (p. 183). A autora sugere três áreas da vida para serem trabalhadas nessa atividade, para o presente trabalho, também nos debruçamos sobre essas áreas que são: “[...] ‘Vida Escolar e Acadêmica’, ‘Vida Profissional’ e ‘Vida Familiar’.”. (WARSCHAUER, 2017, p. 183-184).

O procedimento seguinte foi a coleta dos Excertos de Histórias de Vida, por meio dos quais os(as) participantes foram orientados a dissertar sobre suas histórias de vida, de



forma livre, ficando à vontade para relatar o que achassem necessário. Momento este, destinado à escrita da (auto)biografia e realizado em momento diferente dos encontros, de forma individual e sem interferência ou explicações do pesquisador.

Os participantes dessa pesquisa, oriundos da grande pesquisa citada na introdução, foram estudantes do curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática, Instituto de Formação de Educadores, da Universidade Federal do Cariri, que apresentavam marcas de vulnerabilidade social, identificados durante a aplicação do questionário e que se disponibilizaram a participar de todos os encontros.

Para manter o anonimato e a discrição em relação aos participantes da pesquisa, pedimos para que os(as) participantes escolhessem um nome a ser representado(a) no trabalho. A Participante 1 escolheu o nome de Ayla e o Participante 2 escolheu Aurin.

Após coletarmos o material empírico, realizamos a análise da seguinte forma: primeiramente, realizamos a transcrição das gravações, que foram realizadas na plataforma *Google Meet*, como mencionado anteriormente, e depois a leitura do material, retornando a ele quantas vezes fossem necessárias. Em seguida, os analisamos, com base nas leituras e nos estudos de textos que constituíram o capítulo teórico do presente trabalho.

MARCADORES SOCIAIS DE DIFERENÇAS E INTERSECCIONALIDADE

Marcadores sociais de diferença

O retorno de recorrentes menções aos ideais da nação brasileira, no âmbito do contexto político vigente, instiga-nos a pesquisar sobre o projeto de nação que tem sido pensado, quem está inserido nele e quais grupos esse projeto exclui. Esse fato se dá, sobretudo, em decorrência de uma nação com o tamanho do Brasil, em que cada estado é constituído por diversidade cultural, política e de interações sociais que, ao fracionar cada uma das cinco regiões, circunscreve conglomerados com peculiaridades de formação que reafirma um país plural e multicêntrico.

De acordo com Stepan (1990), teorias acerca da necessidade de construção da nação foram sempre embasadas na preocupação com a composição populacional do Brasil e tinham como foco os pobres, principalmente negros e denominados mulatos⁵, percebidos como “ignorantes, doentes e cheios de vícios, com altas taxas de alcoolismo, imoralidade, mortalidade e morbidez” (STEPAN, 1990, p. 126). Ou seja, tratava-se de discursos

⁵ [Pejorativo] Pessoa cuja ascendência provém da mistura entre brancos e negros; quem tem o pai negro e a mãe branca, ou vice-versa. Vide: <https://www.dicio.com.br/mulato/>



hegemônicos, que viam a população como um perigo, sobretudo no que se refere a um potencial de criminalidade (ALVAREZ, 2003).

No que se refere ao ingresso dessa população vista como ignorante e perigosa à universidade, ações afirmativas e efetivação de ações políticas de acesso foram pensadas pelo Governo Federal somente a partir dos anos 2000. Nessa época, foram oficializadas ações afirmativas pontuais para a reparação de desigualdades estruturais, por meio da criação de cotas⁶ em diversas modalidades ao demarcar porcentagens de vagas existentes nas Instituições de Ensino Superior (IES) federais do país para a população comprovadamente de baixa renda (SILVA; SILVA, 2018).

Assim, faz-se necessário que o acadêmico, ao ingressar no ensino superior, reconheça o marcador social de diferença que irá identificá-lo dentro da IES. Ao fazê-lo, escolhe aquele com o qual se sente mais seguro ao ser representado ou que garanta seu acesso dentro da política de cotas com garantia de direitos. Entretanto, é preciso observar o que afirma Silva (2000) sobre a existência de múltiplas identidades que compõem a formação social do sujeito, bem como tensões entre identidades diversas, que trazem à tona outras importantes identidades a manutenção da estrutura social. Para o autor, a presença de identidades outras que fogem da dimensão hegemônica de identidade tenciona, incita, rompe barreiras conceituais e, de forma geral, afeta o poder ao introduzir uma diferença que constitui a possibilidade de seu questionamento (SILVA, 2000, p. 84).

Entretanto, Silva e Silva (2018) afirmam que “a problemática atual repousa sobre a permanência desses sujeitos nas academias brasileiras” (p. 578) e que isso depende muito mais de somente “criar mecanismos para que os grupos mantidos fora da estrutura acadêmica nacional se vejam como parte da mesma” (p. 578), mas que, na garantia de permanência, construção do conhecimento e conclusão estejam “ocupando, assim, seu lugar de direito” (SILVA; SILVA, 2018, p. 578).

Tais escolhas findam por apagar outros marcadores que também compõem sua identidade. Olhar em perspectiva de múltiplos marcadores, sem ocultações, é o que se propõe a leitura interseccional (CRENCHAW, 2002; AKOTIRENE, 2019). Por sua vez, as discussões sobre marcadores sociais da diferença são notadas a partir da autocrítica do movimento feminista norte-americano, ao longo dos anos 1980, questionando a representação de mulher associada à cor/raça branca, à heterossexualidade e à classe média (PELÚCIO, 2011).

⁶ O sistema de cotas, políticas de cotas ou ações afirmativas trata-se de uma política pública que visa garantir o acesso de alguns grupos a oportunidades nas quais elas são desfavorecidas por uma série de fatores, como raça, gênero ou deficiência física. Vide: <https://www.colab.re/conteudo/cotas>



Nos últimos anos, observa-se um crescimento elevado das discussões sobre a caracterização identitária. A partir de conceitos atribuídos à identidade, nota-se que há uma busca pela sua significação, porém, na tentativa de encontrar um conceito preciso, percebe-se que tem sido feita uma desconstrução da sua concepção, formalizando uma discordância da personalidade integral, originária e unificada (HALL, 2000).

No entanto, ao surgir críticas relacionadas à não existência de uma identidade fixa, somos levados a buscar por respostas de como acontece o processo de construção e as mudanças que podem ocorrer em um indivíduo perante a sua vivência em sociedade. Nesse sentido, Hall (2000) diz que: “Na linguagem do senso comum, a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas [...]” (p. 106).

Então, nessa perspectiva discursiva sobre a construção da identidade, podemos compreendê-la, segundo Silva (2000), como sendo aquilo que se é, ex: sou mulher; sou pobre etc., em uma afirmativa autossuficiente (“o que eu sou”), referindo-se a si mesmo. Para uma melhor compreensão, precisamos adentrar em outro conceito, diretamente relacionado com a identidade, o de “diferença”.

O conceito de diferença está atrelado à noção de compreensão de identidade, embora sejam eles dependentes e ao mesmo tempo opostos, Silva (2000) nos diz que a diferença é aquilo que o outro é, ex.: ela é jovem, ele é negro etc., em uma afirmativa autorreferente, ou seja, indica o que o outro é, levando em referência a si mesmo, o outro é aquilo que não sou, assim há diferença.

Essas entidades, identidade e diferença, têm entre si uma relação de interdependência, pois ao mesmo tempo em que a identidade necessita da diferença, a diferença necessita da identidade. Silva (2000) discorre que: “Em geral a diferença é um produto derivado da identidade, a identidade é a referência ao qual se define a diferença” (p. 75).

Como constituinte das identidades, o ser humano porta consigo marcadores sociais de diferença. Estes são evidenciados por meio das diferenças e desigualdades que, por sua vez, são produtos das relações entre pessoas, sejam elas econômicas ou culturais, que atribuem conflitos de interesse e criam supremacias de alguns cidadãos sobre outros. Segundo Zamboni (2014), “as diferenças e desigualdades entre os homens não são naturais. Elas são construídas socialmente e precisam ser contextualizadas em termos de tempo e espaço”. O autor ainda reitera que:



[...] os marcadores sociais da diferença nunca aparecem de forma isolada, eles estão sempre articulados na experiência dos indivíduos, no discurso e na política. Finalmente, os sistemas de classificação estão intimamente ligados às relações de poder. Marcadores sociais da diferença são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais (ZAMBONI, 2014, p.15).

Segundo Henning (2015), os “marcadores sociais da diferença como gênero, sexualidade, idade/geração, ‘raça’, classe social e corporalidades interagem, contextual e conjunturalmente, de modo a promover potenciais cenários de desigualdades sociais e hierarquizações” (p.100). Sendo assim, a identidade e os pertencimentos reverberam sobre o meio social em que o indivíduo vive.

Durante muito tempo, as pesquisas em educação desconsideraram os sujeitos envolvidos nesse processo, sobretudo o estudante. Por isso, os estudos sobre os marcadores sociais da diferença e sobre a identidade fazem-se necessários para a ressignificação do espaço acadêmico, para compreender quem está tendo acesso a esse âmbito educacional, para que não criemos distanciamentos das realidades existentes.

Entendemos a identidade como a conjunção de vários marcadores de diferença. Para essa discussão, falaremos sobre a interseccionalidade, importante conceito sociológico que permite compreender melhor as sobreposições que constituem a identidade.

(SOBRE)VIVÊNCIAS NO ENSINO SUPERIOR

Roda de Registro: brasão e linha de vida

A presente seção expõe como ocorreram os encontros formativos em que foram coletados o material empírico que constitui este trabalho. Alocamos dois trechos de falas dos(as) participantes nas descrições dos encontros, para criar o primeiro contato com o(a) leitor(a) deste trabalho e para uma apresentação inicial. Traremos, além da descrição, da análise do material coletado durante os encontros formativos denominados Rodas de Registro. Inicialmente, descrevemos como ocorreu cada encontro, em seguida, realizamos a discussão e a análise a partir da Linha da Vida de cada um dos participantes. Os encontros aconteceram em quatro momentos:

A Roda de Registro 1 ocorreu no dia 26 de maio de 2021. Nesse momento, ocorreu a apresentação dos objetivos da pesquisa, assim como foram explanados os conceitos principais a serem trabalhados, sobretudo os de interseccionalidade e marcadores sociais de diferença. Além disso, apresentamos a pesquisa (auto)biográfica e os procedimentos a



serem utilizados nos próximos encontros. Para esse encontro, tivemos a presença de quatro convidados(as) para configurar os(as) participantes da pesquisa, mas somente dois (uma mulher e um homem) aceitaram o convite e se mantiverem assíduos até o fim da aplicação da metodologia.

Após a apresentação da pesquisa aos convidados(as), colocamos uma música para um momento de reflexão. A arte pode ser usada como suporte para esse tipo de pesquisa. A música escolhida chama-se “Trajetória”⁷, que fala sobre pertencimentos e histórias de vida. Para esse primeiro momento, destacamos a fala da participante (auto)nomeada para este trabalho como Ayla, ao contar um pouco sobre si ela diz: *“Eu sempre gostei de estudar, sou estudante, mulher, parda⁸, esposa, mãe e isso veio tudo à tona em um momento só. Estudante no sentido da universidade e tudo isso é o que me representa nesse momento”*. Por fim, marcamos o cronograma dos próximos encontros formativos planejados para a pesquisa.

A Roda de Registro 2 ocorreu no dia 31 de maio de 2021, das 16 horas às 18 horas. Ao iniciar esse encontro, trouxemos outra música para reflexão. Dessa vez, a escolhida foi a “Tocando em frente”, que reverbera a vida e desperta sentimentos variados, a depender de quem a escuta. Para esse momento, destacamos a fala do participante (auto)nomeado para este trabalho como Aurin, ao expor a sua relação com essa música, ele diz:

Pra mim, assim, eu gosto muito dessa música, inclusive, ela é bem forte na minha vida mesmo, porque ela lembra um pouco parte da minha história. Eu já passei, de certa forma, já tô fora da idade regular de estar em uma faculdade, todo mundo aí entra jovem, conseguem fazer as coisas em seu tempo, e eu fui meio que na contramão dessa música. Hoje eu tenho que andar com pressa porque eu fui devagar. De certa forma eu preciso ter pressa agora porque eu deixei minha vida levar, [...] construí família muito cedo, fui pai com 18 anos, tive que cuidar de família, trabalhar. Minha primeira faculdade, acabei tendo que desistir porque tive que trabalhar (AURIN).

Nesse dia, trabalhamos com o Brasão e suas características, trazendo as concepções da criadora desse recurso metodológico (WARSHAUER, 2017), assim como exemplificamos com outras pesquisas, pois surgiram muitas dúvidas por parte dos participantes. Como demonstração, utilizamos o brasão da própria instituição de ensino para mostrar os significados de cada símbolo que o constitui. Apresentamos, como exemplo, a pesquisa intitulada “Interseccionalidades nas histórias de vida de estudantes da

⁷ Essa música é inspirada na trajetória da Juliette, participante e campeã de um reality show nacional. Interpretada pela artista Ariel Letícia. Vide: <https://youtu.be/qll6W4KniuY>

⁸ Raça. Indivíduo que provém da mistura de diversas raças e etnias. Vide: <https://www.dicio.com.br/parda/>



educação de jovens e adultos no Cariri Cearense”, de autoria de Luiz Carlos Carvalho Siqueira.

Em seguida, com as devidas explicações, iniciamos com a confecção dos brasões, no qual cada um dos(as) participantes, seguindo os temas geradores (citados na metodologia), construiu o seu brasão com base na sua complexidade, pertencimentos e peculiaridades. Os participantes iniciaram a confecção dos brasões e conforme iam surgindo dúvidas estas iam sendo sanadas pelos pesquisadores. Eles poderiam fazer os brasões tanto manualmente como digitalmente. Houve participantes que fizeram das duas maneiras. Com o término das construções dos brasões, cada participante apresentou o seu com as suas particularidades, os quais serão apresentados posteriormente. Durante toda a confecção dos brasões, tocamos músicas para Ayla e Aurin ouvirem que contavam histórias de vida, para tornar o momento mais reflexivo e introspectivo.

A Roda de Registro 3 ocorreu no dia 07 de junho de 2021. A proposta do terceiro encontro foi para que os participantes construíssem a sua linha da vida. Da mesma forma que ocorreu com o Brasão, explicamos em que consistia a Linha da Vida e os sujeitos detalharam e representaram os acontecimentos marcantes em suas vidas de forma cronológica. Sugerimos que eles detalhassem a Linha da Vida de acordo com três eixos: acadêmica, profissional e familiar, deixando-os livre para realizarem a atividade e descrever o que estavam à vontade para explanar. Podiam fazer isso de forma manual ou digital, conforme preferissem.

Para o presente trabalho, focaremos na Roda de Registro 4, que ocorreu no dia 14 de junho de 2021. Esse momento foi destinado à apresentação das Linhas da Vida de Ayla e Aurin, que serão apresentadas mais abaixo. Após as apresentações, solicitamos que os participantes realizassem a dissertação da história de vida deles, o que eles queriam a partir das suas linhas de vida, podendo acrescentar outros elementos que considerassem importantes. Essa atividade ficou para ser realizada individualmente e para encaminharem para o e-mail do pesquisador após a conclusão.

A seguir, traremos os excertos de histórias de vida de cada participante, trazendo nossas considerações à luz dos teóricos. A organização da análise está da seguinte maneira: primeiramente, apresentamos os participantes e trazemos a análise dos excertos de histórias de vida de Ayla e Aurin, respectivamente.



ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA: MARCAS SOCIAIS E INTERSECÇÕES

Marcas sociais e intersecções na história de vida de Ayala

Em sua apresentação inicial, Ayala expõe os marcadores sociais da diferença em que se percebe pertencente, os quais constituem a sua identidade. Com essa exposição, entendemos as marcas que interseccionam e a posicionam no meio social. Ela discursa: *“Eu sempre gostei de estudar, sou estudante, mulher, parda, esposa, mãe e isso veio tudo à tona em um momento só. Estudante no sentido da universidade e tudo isso é o que me representa nesse momento”*.

Olhando a multiplicidade que a forma, conseguimos destacar alguns dos seus marcadores, como: gênero, maternidade, raça e condição social (classe social).

Em seu relato de história de vida, fica evidente o conflito entre conciliar estudos e maternidade, pois são eles sonhos e conquistas diferentes, mas que complementam a sua identidade. A participante Ayala descobriu sua gravidez no final do ano 2017, quando ainda concluía o ensino médio, e a gravidez ainda se concentra na sua entrada no ensino superior, que ocorreu no primeiro semestre de 2018. Muitas conquistas nos campos profissional, pessoal e social acontecem por meio da inserção na universidade. De acordo com Reis (*apud* Gomes, 2020), “por necessidades de diversas ordens, as mulheres, por questões historicamente conhecidas sobre disparidades de gênero, buscam pela emancipação em todos os âmbitos sociais, principalmente dentro do contexto da universidade” (p. 21).

Ayala menciona que: *“No ano 2017 finalizando os meus estudos descobri que estava grávida em que logo em seguida, com três meses de gravidez tive um pequeno aborto, na qual tive que sair da escola para poder ficar de repouso [...]”*.

Para a mulher, além de ter os obstáculos comuns aos seres humanos, como condição financeira, conciliação de trabalho e formação, dentre outros, há alguns a mais em relação aos homens, é a condição de gerar uma vida no seu ventre, fator bem determinante de sua vida. Como ressalta Medeiros (2019):

Assim fica claro entender que para alcançar o profissional é necessário ter uma boa formação. Porém, para as mulheres, além dos problemas rotineiros que podem surgir como conciliação de trabalho e estudos, vida familiar, vida social, estrutura financeira para gastos com material didático, locomoção, e em alguns casos, pagamento da mensalidade da instituição de ensino; ainda possui um fator mais determinante: a chegada da maternidade. (MEDEIROS, 2019, p. 14)



Ao relatar a conquista de adentrar no ensino superior, também expõe seus medos e inseguranças em conseguir conciliar a vida universitária com a maternidade. Esse conflito, quando a participante diz que teve que encarar, deve-se às cobranças sociais, conforme assevera Gomes (2020):

O imaginário sociocultural em torno da maternidade é tão consistente que, não obstante as dificuldades que apareçam no processo de maternidade, estas serão quase sempre minimizadas ou invisibilizadas em função de pensarmos as mulheres como possuidoras de uma “essência feminina”, que as orienta, naturalmente, para as necessidades de seus filhos. (GOMES, 2020, p. 18)

Além da demonstração de sua apreensão em voltar às aulas depois da sua licença-maternidade. Nos trechos a seguir ela relata:

No início de 2018 tive a felicidade de passar para estudar na Universidade Federal do Cariri no campus de Brejo Santo. Porém, como eu estava grávida fiquei um pouco apreensiva de não conseguir conciliar tudo, mas, como era dois sonhos que eu pretendia realizar, seguir em frente. Neste mesmo ano minha filha nasceu, como eu continuava estudando peguei três meses de recesso da universidade, na qual fiquei realizando as atividades em casa. Logo após a isso, tive que voltar para Universidade, em que foi um momento muito difícil para mim, pois, tive que deixar minha filha apenas com três meses de idade com o seu pai para eu poder conseguir realizar esse sonho. (AYLA)

E quando foi no finalzinho de 2018 eu tive que deixar ela com 3 meses para voltar aos estudos e assim, foi algo que me marcou bastante, foi algo muito doloroso para mim, muito, muita tortura pra mim, algo que mexeu demais assim, porque eu tive que conciliar os estudos com ela e quando eu tive ela eu não queria deixar ela com apenas 3 meses para voltar estudar, porém era um sonho que eu tinha também de me formar. (AYLA)

Em seu trabalho, que discorre sobre a maternidade no ensino superior, discorre acerca dos sentimentos em ter que deixar o(a) filho(a) para estudar, Menezes *et al* (2012), diz que buscou:

Identificar os sentimentos vivenciados por mães universitárias [...] ao deixarem seus filhos em horário de aula, assim como as bases sócio históricas que possibilitaram suas origens e manutenção. Em nossas hipóteses supúnhamos que essas mães vivenciavam diferentes sentimentos ao deixarem os filhos para poderem assistir às aulas universitárias e que estes sentimentos foram construídos e se mantêm social e historicamente, [...], sentimentos de medo e culpa pela ausência e distância de seus filhos. (MENEZES; et al, 2012, p. 35)

A percepção de seus marcadores sociais e a teoria interseccional, em seus relatos, dá-se pela identificação dos variados fatores que interseccionam e criam obstáculos em



sua vida, o fator de ser mulher, mãe e de classe vulnerável, dificulta a entrada, permanência e conclusão do ensino superior.

Marcas sociais e intersecções na história de vida de Aurin

Pra mim, assim, eu gosto muito dessa música, inclusive, ela é bem forte na minha vida mesmo, porque ela lembra um pouco parte da minha história. Eu já passei, de certa forma, já to fora da idade regular de estar em uma faculdade, todo mundo aí entra jovem, conseguem fazer as coisas em seu tempo, e eu fui meio que na contra mão dessa música. Hoje eu tenho que andar com pressa porque eu fui devagar. De certa forma eu preciso ter pressa agora porque eu deixei minha vida levar, [...] construí família muito cedo, fui pai com 18 anos, tive que cuidar de família, trabalhar. Minha primeira faculdade, acabei tendo que desistir porque tive que trabalhar. (AURIN)

Ao trazer suas particularidades e reverberar sobre a música “Tocando em frente”, Aurin conta um pouco acerca de sua história de vida e expõe marcas que carrega nela e o constitui como ser social.

Em seu discurso, relata os motivos que o levaram a tardar a conquista do tão sonhado e aguardado grau do ensino superior. A paternidade e a condição de progenitor familiar o fizeram abandonar outras oportunidades de realizar esse sonho, pois por anos priorizou o trabalho e a família. Percebemos o marcador de classe, pois Aurin teve que, em busca de trabalho para o sustento de sua família, prolongar a sua entrada e permanência na universidade. Segundo Almeida e Hardy (2007):

O papel de provedor da família é tradicionalmente atribuído e assumido pelos homens no contexto das relações de gênero, e o ser trabalhador é condição indispensável para isto. Porém, o significado do trabalho e sua inserção na trajetória de vida dos indivíduos dependem também de sua condição de classe. (ALMEIDA E HARDY, 2007, p. 569)

Outro marcador social de diferença, esse que não se explicitou durante as falas de Aurin, é o marcador raça, com o qual o participante se autodeclara negro no questionário, relatado na metodologia deste trabalho. A raça faz parte da trindade interseccional (raça, classe social e gênero), podemos entender esse marcador como sendo, Segundo Hall (2003):

[...] raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo. Todavia, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. (HALL, 2003, p. 69)



Na atualidade, aos 45 anos de idade, Aurin está a um passo de conquistar esse momento tão almejado, e traz consigo a sua idade como um marcador social da diferença, pois compara a sua realidade com outros jovens que estudam com ele. A categoria geracional marca a sua estadia na graduação, assim como a paternidade, raça e condição social. Não podemos desconsiderar esse importante marcador social da diferença, conforme Pocahy (2011), que diz:

Por isso, reforço, compreendo a idade como uma categoria política, histórica e contingente, assim como o gênero, a classe social, a sexualidade ou a raça/etnia. Mas, não de forma isolada, pois o marcador etário e geracional dificilmente pode ser pensado sem essas intersecções. O que significa dizer que a idade organiza a vida, ao conferir status de “humanidade”, em diferentes formas e condições político culturais no mesmo instante em que gênero e sexualidade tornam-se visíveis e possíveis nesta trama discursiva (ao fixar as possibilidades para cada idade da vida). (POCAHY, 2011, p. 206)

Nos relatos da história de vida de Aurin, fica evidente a valorização da sua execução da paternidade. O mesmo relata a emoção a cada nascimento dos(as) seus(suas) filhos(as), como podemos observar nos trechos a seguir:

Fui aprovado para o curso de matemática na Urca no ano de 1996, porém não tive como continuar os estudos pois tive que trabalhar. Em 1997 fui pai pela primeira vez de uma menina, isso foi uma experiência inesquecível, a partir daí soube imediatamente que tinha nascido para ser pai. (AURIN)

Em 2001 fui pai mais uma vez, de outra menina, a experiência de ser pai novamente foi maravilhosa, embora 2 anos depois em 2003 tenha me separado, foi muito difícil pois o fim do relacionamento foi marcado por traições, violência e discussões. Embora amasse muito minhas filhas, a minha presença naquele lar não fazia bem nem a mim nem a elas. (AURIN)

Em 2007, mais uma vez tem o privilégio de ser pai, dessa vez o fruto de um amor maduro, consciente e verdadeiro, mais uma menina vem fazer parte de minha vida, isso me fez muito feliz, pois é como ver a mãe dela e o carinho que eu tenho por essa menina enorme foi uma experiência sem igual. (AURIN)

Em 2018 minha esposa e eu passamos por grandes dificuldades, pois ela apresentou problema no útero, foi necessário uma biópsia e a médica achava que poderia ser o câncer, porém graças a um milagre ela engravida e após o nascimento do meu filho mais novo ela fica completamente curada, a alegria o enorme eu era o pai mais uma vez de um menino Foi um dos maiores presentes que Deus já me deu um verdadeiro Milagre. (AURIN)

A paternidade e a construção de família foram alguns dos fatores que posicionaram Aurin no mercado de trabalho previamente, antes da conclusão do ensino superior. O sustendo de seus(suas) filhos(as), sempre foram a sua prioridade. Segundo Almeida e



Hardy (2007):

O que parece ocorrer com a paternidade é uma re-significação do trabalho, que passa a se constituir no meio pelo qual o jovem se torna provedor da sua própria família. [...] a paternidade na adolescência pode provocar entre os rapazes das classes populares uma relação de maior compromisso com o trabalho. Mas isso não muda a natureza da sua relação com a necessidade de trabalhar desde muito cedo, muitas vezes abandonando a escola, lutando contra o desemprego e assumindo os empregos disponíveis e da melhor maneira possível no âmbito de suas duras condições materiais de existência. (ALMEIDA E HARDY, 2007, p. 571)

Por fim, trazemos um trecho, no qual Aurin relata sua atual situação financeira e agravamento por conta do contexto de isolamento social que enfrenta. Momento esse que auxiliou o aumento da desigualdade social. O participante relata:

Agora em 2021 a situação ficou um pouco mais difícil a escola perdeu uma de suas turmas na qual eu dava aula, o salário diminuiu, muitos dos meus colegas perderam seus empregos, e mais pessoas próximas morrem, tudo está muito difícil até para comprar os alimentos, pagar as contas, manter minha família estável, tem sido tudo muito doloroso, recebo ajuda e meu pai tenho que vender algumas coisas minhas para pagar as dívidas de água luz internet e aluguel, vivo com ajuda do auxílio alimentar da faculdade, e da bolsa de pesquisa, tenho muito medo pois logo ficarei sem bolsa, como não tenho casa própria preciso me mudar, vou para uma casa muito longe, na periferia da cidade, minha esposa está sempre do meu lado sempre me dando força e apoio às vezes fico triste penso em desistir, ela não deixa e sempre me elogia, falando do meu potencial. Mesmo com tudo que estamos passando, continuo tendo fé em Deus, acreditando que, dias melhores virão. (AURIN)

A classe trabalhadora é a que mais sofreu/sofre durante a pandemia, conforme Martins (2020):

No Brasil atual, a igualdade é uma quimera, uma miragem. O cenário se apresenta trágico: desemprego em alta, precariedade do trabalho, salário achatado, desindustrialização, etc. Em meio a tantas incertezas, uma certeza: enquanto persistirem estes padrões de desigualdade, são os trabalhadores, suas famílias e comunidades que vão sucumbir à COVID-19. Estão sendo empurrados a uma escolha perversa e mentirosa entre a atividade econômica, assegurando o alimento, ou o isolamento social, garantindo a sobrevivência. (MARTINS, 2020, p. 3)

Conseguimos perceber a vertente interseccional em seus relatos, pois identificamos variados fatores que interseccionam e dificultam sua vida, conseqüentemente, a conclusão do ensino superior, sem haver uma hierarquização entre os marcadores, e sim a articulação destes que o situam na sociedade.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do presente estudo, pudemos perceber a demanda em levantar discussões a respeito de temáticas sociais em licenciaturas e que estudos sobre os marcadores sociais da diferença e sobre a identidade fazem-se necessário para a ressignificação do espaço acadêmico, para compreender quem está tendo acesso a esse âmbito educacional, para que não criemos distanciamentos das realidades existentes.

Além disso, pudemos inferir que esses estudos são relevantes em licenciaturas, uma vez que os públicos-alvo serão formadores de opiniões, estarão em contato direto com crianças e adolescentes de diferentes vivências, pertencimentos e culturas.

Frisamos, aqui, que este trabalho foi construído durante o isolamento social acometido pela pandemia de Covid-19, no qual o mundo teve que se restabelecer e criar alternativas para a vida social humana. A educação não parou, a universidade não parou! Sofreu um momento de ressignificação e adaptou-se ao ensino remoto. Porém, isso não aconteceu de modo natural, a angústia, a ansiedade, o medo, a insegurança, a preocupação com a saúde mental, dentre outros fatores, fizeram-se presente na vida dos(as) estudantes, dos(as) docentes e de toda população em geral.

Embora a pesquisa tenha sido realizada em meio a essa pandemia, obteve êxito na participação dos(as) estudantes. A adaptação para o meio remoto proporcionou os encontros formativos e debates acerca das temáticas da pesquisa, fazendo com que ampliássemos nossos conhecimentos.

Sobre trabalhar com histórias de vida e metodologias narrativas, ressaltamos que é desafiador, emblemático e surpreendente, uma vez que não há um apoio de inferências sobre as histórias de vida, elas trazem particularidades e simbolismos próprios. É inesperado o que pode se fazer presente a cada narrativa e ensinamentos.

O trabalho, do começo ao fim, estabeleceu-se no desconhecido, fora da zona de conforto, visto que foi constituído em uma licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e Matemática que não possui seus componentes curriculares embricados nos estudos das Ciências Sociais, que este trabalho adentrou.

Em suma, mesmo com todas as dificuldades encontradas, conseguiu-se cumprir com o projeto inicial, que teve como resultado esta pesquisa como seu produto parcial.



REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen, 2019.
- ALMEIDA, A. de F. F.; HARDY, E. Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, v. 41, p. 565-572, 2007.
- ALVAREZ, Marcos César. **Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e nova escola penal no Brasil**. São Paulo: IBCCrim, 2003.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.
- A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, v. 1, n. 1, p. 7-16, 2004.
- DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- GOMES, Lídia Laís Balbino. **Mulher, mãe e universitária: desafios e possibilidades de conciliar a maternidade à vida acadêmica**. 2020.
- HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília, DF: Unesco no Brasil, 2003.
- HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença**, 2015.
- MARTINS, Mônica Dias. A pandemia expõe de forma escancarada a desigualdade social. **Observatorio Social del Coronavirus**. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (Clacso.org). <https://www.clacso.org/a-pandemia-expoe-de-formaescancarada-a-desigualdade-social>, v. 6, 2020.
- MEDEIROS, Milena Andrade Santos. **Ingresso e permanência da mulher no ensino superior após a maternidade: um estudo com as alunas do curso de administração da Universidade Federal de Sergipe**, 2019.
- MENEZES, Rafael de Souza et al. Maternidade, trabalho e formação: lidando com a necessidade de deixar os filhos. **Construção psicopedagógica**, v. 20, n. 21, p. 23-47, 2012.
- MINAYO, M. C. de S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de saúde pública**, v. 9, p. 237-248, 1993.
- PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.



PELÚCIO, Larissa. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids. **Saúde e sociedade**, v. 20, p. 76-85, 2011.

POCAHY, Fernando. A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. **Revista Polis e Psique**, v. 1, n. 3, p. 195, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, v. 1. 133p.

SILVA, V. C.; SILVA, W. S. Marcadores sociais da diferença: uma perspectiva interseccional sobre ser estudante negro e deficiente no Ensino Superior brasileiro. **Revista Educação Especial**, v. 31, n. 62, p. 569-585, 2018.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. **A ciência bem nascida**. Eugenics in Germany, France, Brazil, and Russia, Oxford U. Press, New York / Oxford, 1990.

WARSCHAUER, Cecília. **Entre na roda**: A formação humana nas escolas e nas organizações. 1a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

ZAMBONI, Marcio. **Marcadores Sociais da Diferença**. Sociologia: grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 14 - 18, 01 ago. 2014.

Artigo recebido em: 22 de setembro de 2022

Aceito para publicação em: 06 de fevereiro de 2023

Manuscript received on: September 22, 2022

Accepted for publication on: February 06, 2023

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

